

## **De Antígona à Psicanálise: o que é do humano sempre o foi.**

**Yara Amorim Souza Leão**

*“Há muitas coisas formidáveis no mundo,mas não há nada mais formidável do que o homem”.*

(Sófocles. *Antígona*/coro-verso332)

A busca da verdade sobre as coisas traz, implícita, uma questão sobre a verdade do sujeito que indaga. As respostas míticas, metafísicas, filosóficas, religiosas, científicas e artísticas formam o conjunto dos saberes que compõem a cultura e possibilitam a convivência humana.

Freud ao anunciar a descoberta do inconsciente abala toda construção das respostas pautadas na razão universalizante para afirmar que a verdade do sujeito é a desrazão, o desconhecimento singular daquilo que ele é portador, a saber, o desejo advindo da falta produzida pela lei que interdita o incesto e funda a civilização. O desejo é, assim, a mola propulsora das perguntas e respostas que o sujeito na sua singularidade busca incessantemente.

Portanto, as questões relativas ao bem, à felicidade, à convivência, que compõem a ética e o conjunto de leis que ordenam a cultura, trazem no seu bojo a ética do singular, do desejo e do inconsciente. Desta trata a psicanálise.

Do destino anunciado nos oráculos até os dias de hoje, o homem constrói, reconstrói, compõe e recompõe teorias e mitos para forjar instrumentos que o ajudem a lidar com essa verdade que o habita sem que ele saiba, que o atropela na peleja cotidiana, e com a verdade que sabe a da certeza da própria morte.

Sófocles, grande dramaturgo grego, legou-nos, por meio da tragédia, a representação da potência da lei dos deuses, anunciada nas palavras do oráculo. Na tentativa inútil de escapar do horror que carrega em si (anunciado pelo oráculo) o homem caminha por numerosas veredas, mas encontra o caminho inexorável da lei dos deuses, desta não há escapatória.

Freud elegeu a tragédia sofocliana, *Édipo Rei*, para apontar que a verdade singular do sujeito é tecida na trama familiar, marcada pela falta de onde emerge o inconsciente. Ao inventar a psicanálise Freud aponta a possibilidade de o homem apropriar-se do seu desejo, para compor um trilho mais articulado e menos errante no espaço do viver.

Lacan, lendo, com seus “óculos próprios”, a letra de Freud, elege a tragédia sofocliana *Antígona*, para aludir ao desejo que move a personagem que nomeia a peça, à construção do conceito da Ética da Psicanálise. A resenha da peça nos possibilitará a compreensão da tragédia

e dos seus elementos, que lidos por Lacan, serviram de baliza para a construção deste conceito fundamental para a psicanálise:

Em Tebas, sob o reinado do Tio Creonte, vivem os filhos de Édipo e Jocasta: Etéocles, Polinices, Antígona e Ismene.

Numa contenda pelo poder tebano, os filhos homens se desentendem, duelam e ambos morrem feridos por suas próprias armas. Creonte, indignado com a insurreição de Polinices, determina um castigo exemplar para o jovem príncipe morto: que não seja dado abrigo ao cadáver dele. Que ele reste insepulto, servindo suas carnes putrefatas *"como um objeto horrível à vista, para pasto das aves e dos cães"*. Dessa forma, a alma de Polinices vagaria danada, sequer com direito a baixar ao Hades, a morada dos mortos. Já o outro irmão, que morreu em defesa da cidade, mereceria *"todas as honras fúnebres, as quais vão para debaixo da terra, para os heróis defuntos"*. Ai de quem tentasse não respeitar o édito do rei, pois Creonte determinou *"que não haja condescendência a respeito dos que desobedecerem"*, pois a morte seria a paga.

Logo que chegam a Tebas, as duas irmãs tomam conhecimento do destino infausto dos irmãos como também do édito de Creonte. Desta vez é Antígona quem se indigna. Não poderiam elas, como as últimas familiares restantes do morto, deixar de cumprir com os obrigatórios ritos consumados. Ismene acha aquilo temerário e tenta fazer Antígona desistir do seu intento. Antígona, porém, desprezou-a. Na calada da noite, contornando as sentinelas que vigiavam o irmão morto, ela conseguiu prestar-lhe as homenagens, fazendo as libações e jogando um pouco de terra sobre os seus restos.

Detida, ela é conduzida ao rei. Antígona não se desculpa. Ao contrário, depois de ter iniciado no interrogatório, lança no rosto de Creonte que nenhuma lei humana poderia detê-la naquele seu ato de obediência aos desígnios bem mais profundos. Aqueles que obrigam um parente a dar sepultura a um dos seus. Possesso, o rei ordena que a emparedem e a sepultem viva.

Da boca de Antígona, tomada por uma volúpia orgulhosa, não sai nenhum apelo de comiseração ou perdão.

Tirésias, o adivinho cego, vem alertar Creonte dos malefícios da sua atitude e de que uma grande desgraça irá se abater sobre à casa do rei. Creonte entregou-se às dúvidas. Atormentava-o agora à solidão do poder. Quem sabe se haveria ainda um tempo para a remissão? Chama então os guardas e põe-se a caminho. Quer ir libertar Antígona.

A volta atrás do rei, porém, deu-se tarde. Chegando ao local, ao ordenar que desemparedassem Antígona, deram com ela morta. Herão, filho de Creonte e noivo de Antígona, enlouquecido pela dor, desembainhado a espada volta a ponta da lâmina contra o seu abdômen e se deixa cair sobre ela, matando-se. Eurídice, a esposa de Creonte, ao saber da morte do único filho que lhe restara, também decidiu se suicidar.

O rei, num desespero crescente, toma consciência de que foi sua atitude quem causou aquele infortúnio todo. Meio enlouquecido, pede aos guardas que o carreguem para longe daquelas vistas de gente morta:

*"Levai daqui o louco, que, sem querer, filho te matou e também a ti, esposa! Ai, infeliz de mim! Não sei para qual devo olhar, nem onde me apoiarei; porque estão invertidas todas as coisas que podiam servir-me de amparo: sobre a minha cabeça desabou um insuportável destino!"* (Sófocles, 1999 p.96)

*O significante introduz duas ordens no mundo, a verdade e os acontecimentos... na tragédia não há nenhuma espécie de verdadeiro acontecimento. O herói e o que está à sua volta situam-se em relação ao ponto de visada do desejo* (Lacan, 1997 p.338)

Antígona era uma princesa, noiva do filho e sucessor do Rei e se seguisse o curso dos acontecimentos seria uma bela e rica rainha, mas ela faz um corte nessa suposta previsibilidade dos acontecimentos ao desobedecer à lei dos homens, ou seja, ao édito do Rei, e enterrar o seu irmão condenado por traição.

É em obediência à "lei dos deuses" que Antígona vai voluntariamente ao encontro da morte. Mas do que se trata a lei dos deuses? Não é uma referencia aos ditames de Zeus, nem tampouco algo que diz respeito ao enunciado dos deuses da terra a *Dike* (justiça), como ela mesma afirma na peça. Trata-se de uma alusão metafórica à lei singular do desejo, tecida na trama familiar, no caso, no drama incestuoso que deu origem a uma linhagem da qual Antígona e Ismene são, a partir da morte dos dois irmãos, as últimas representantes.

Antígona mesmo sabendo da traição do irmão à Tebas, do édito do Rei, das advertências de Ismene e, conseqüentemente, da sua própria morte, não deixa o irmão insepulto e evoca um único direito: o de ser irmã, e não esposa ou mãe que pudesse substituir por outro marido ou outro filho, mas o irmão não, este não pode ser substituído, pois já não existe a matriz criminosa, cujo crime Antígona sofre as consequências: a de viver sob o teto de Creonte e submetida à sua lei, a despeito da lei que a funda como filha e irmã. O que para ela é o insuportável da vida.

É em nome desta filiação que Antígona, no seu ato, expressa a radicalidade daquilo que a convoca e a faz ir às últimas conseqüências. *"Sem ceder do seu desejo"*.

*"Antígona se apresenta como autônomos, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente portador, ou seja, do corte significativo que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos"*.(Lacan, 1997 p.341)

É o corte significativo da lei subjetiva que inscreve o sujeito no campo do simbólico, assujeitado-o inicialmente ao desejo do Outro ou a *Até*, entendida como destino do qual, no mundo grego, não havia escapatória possível; impele Antígona, a torna-se sujeito da sua própria

vida, indo, para além da *Até*, contra tudo e todos, voluntariamente, na visada enigmática do seu desejo. Produzindo com o seu ato um corte significativo no destino errante de sua família.

Apropriar-se do seu desejo, não significa desobediência, vontade, rebeldia, atuação, errância. Porque desejo é da ordem da falta, do interdito, do recalque, da pulsão de morte. É neste sentido que o mito sofocleano nos conduz a pensar o processo psicanalítico.

Lacan diz, e nós conferimos, que a demanda do sujeito que vai ao consultório do psicanalista é uma demanda de felicidade. Ora, a felicidade é perseguida pelo homem desde sempre. É uma questão do humano que se expressa na filosofia, na religião, na ciência, nas artes e em todas as manifestações da cultura. Podemos pensar que se há uma incessante busca pela felicidade é, porque de fato, ela não existe.

Não pretendemos explanar a variedade conceitual de felicidade, mas fazer uma alusão à felicidade como o encontro com o primeiro e fictício objeto de satisfação, capaz de completar a falta fundante do humano. A impossibilidade de tal operação, haja vista, ser este, o objeto impossível (objeto *a*) perdido para sempre, inferimos a felicidade como uma completa e radical impossibilidade.

Então o que o analista tem a oferecer àquele que o procura em busca da felicidade? Um lugar para se fazer ouvir, e a partir da palavra dirigida a este Outro, possa dar significações aos significantes originários da alienação primordial ao Outro, fazendo circular o desejo entremeadado nas palavras. “*É desse desejo do outro que ele separa seu desejo*” (Lacan, p.334). Ao tomar a palavra o sujeito experimenta os surpreendentes movimentos do seu desejo.

É no embalo da pulsão de morte que se faz valer à vida.

Quem há de me convencer de que isto não é um modo de felicidade?

#### Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. Seminário nº 7, **A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SÓFOCLES. **Antígona**. Traduzido do grego por Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 1999.